



## **PREVENÇÃO DE PROBLEMAS DURANTE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Irany Gomes Barros<sup>1</sup>  
Karin Débora Rodrigues<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão sobre a importância de os profissionais da educação desenvolverem atitudes para prevenir problemas de aprendizagem. Atualmente nota-se que há um empenho muito grande para diagnosticar toda e qualquer dificuldade de aprendizagem. Este texto aparece para mostrar que em vez de simplesmente classificar as deficiências e propor intervenções, seria mais proveitoso prever e prevenir dificuldades de aprendizagem por começar da base educacional, a Educação Infantil. Primeiro vamos nos embasar pela teoria do Construtivismo, a psicologia genética e o enfoque interacionista da educação de Jean Piaget. Também haverá uma reflexão sobre como a sociedade e as instituições escolares podem influenciar o desenvolvimento infantil, para depois explanarmos algumas formas de prevenir dificuldades escolares. Finalmente, há uma proposta de ação que acreditamos que poderia chegar a resultados mais significativos.

**Palavras-chave:** Conflitos-Prevenção. Desenvolvimento infantil. Educação. Infantil.

### **INTRODUÇÃO**

O tema se faz importante porque é digno de nota que há uma imensa gama de literatura que visa diagnosticar, classificar e propor intervenções para alunos com deficiências de aprendizagem. Porém, pouco se reflete sobre como poder-se-ia prevenir dificuldades de aprendizagem para que não se tornem deficiências de aprendizagem. E acreditamos que o momento para fazer isso seja na primeira etapa da Educação Básica, ou seja, na Educação infantil.

A cada dia que passa aumenta o número de crianças encaminhadas a clínicas de psicopedagogos e psicólogos com a suspeita de possuírem deficiências de aprendizagem devido a um baixo rendimento estudantil. Porém, segundo Weiss (2012) a grande maioria de alunos encaminhados a clínicas em busca de diagnósticos apenas possuem dificuldades de aprendizagem devido a algo ocorrido em sua escolarização.

---

<sup>1</sup>Doutor pelo curso de Ciências da Educação na Universidad Americana – Assunção – PY reconhecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Irany2012@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Técnica de Comercialización y Desarrollo – Salto del Guairá, Paraguay, karindrodrigues@gmail.com



Observar essa constatação deve fazer com que os profissionais da educação passem a refletir sobre sua atuação e as intervenções que tem realizado a fim de focar nas bases, na Educação Infantil, a fim de prever e prevenir problemas educativos.

## **METODOLOGIA**

Iniciaremos o desenvolvimento desta explanação por meio do embasamento teórico do Construtivismo e a Psicologia Genética e o enfoque interacionista da educação de Jean Piaget. Feito isso passaremos a abordar alguns problemas de aprendizagem mais específicos.

Utilizaremos a metodologia da revisão bibliográfica tanto de publicações que possam apontar e delimitar estudos já utilizados dessa área durante a trajetória histórica de nosso país, bem como documentos oficiais e fontes mais atuais para que dessa forma seja possível explicitar pontos de vista mais relacionados à realidade social atual.

Todo ele se caracteriza pelo cunho bibliográfico. Para produção do mesmo, foram utilizados recursos como: artigos, monografias e trabalhos aprovados disponíveis na íntegra, sites governamentais, livros publicados com autores renomados.

Durante a história do ensino escolar do nosso país já foram aplicadas várias formas e métodos de educação. Dessa forma, pode-se afirmar que já se tem bagagem suficiente para avaliar a qualidade dos resultados da atuação docente em nosso país, e então, poder delimitar métodos e meios mais produtivos.

Além disso, também é preciso adaptar os métodos, as técnicas e as circunstâncias em que o conhecimento é produzido relacionado às atuais realidades e contextos sociais impostos pela sociedade da informação, João Luiz Gasparin nós trás que a “proposta teórico-metodológica, as grandes questões sociais precedem a seleção de conteúdos escolares” (2003, p. 37).

Finalmente, será feita uma reflexão sobre como a sociedade e as instituições escolares podem influenciar o desenvolvimento infantil, para depois explanarmos algumas formas de prevenir dificuldades escolares.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

“O modelo epistemológico e a educação” se relaciona ao ponto de vista de aprendizagem segundo o enfoque da psicologia genética de Jean Piaget. Esse modelo se



baseia no Construtivismo e em uma posição interacionista da educação. Jean Piaget (1896-1980) no início do século XX nos apresenta uma teoria que está mais para um estilo de vida:

Assumir, pois, uma posição interacionista implica uma mudança de postura frente ao mundo e à vida. Por conseguinte esta é uma mudança filosófica e não psicológica ou pedagógica e muito menos didática. Significa compreender o mundo dialeticamente. (FRANCO, 1997, p. 29).

Para entender plenamente os processos relacionados ao desenvolvimento infantil é preciso lançar mão dos conhecimentos da epistemologia genética. O modo como encaramos a aprendizagem vai moldar a forma que vamos trabalhar esse processo em nossa prática docente e como pretendemos intervir quando surgirem problemas durante o processo de desenvolvimento infantil.

Uma intervenção que venha a produzir bons resultados só vai ocorrer com profissionais que conhecem os meios que uma criança usa para aprender. É imprescindível que o profissional da educação domine como ocorre cada etapa do desenvolvimento das crianças e que baseado nisso planeje suas propostas pedagógicas e dessa forma poder averiguar se o desenvolvimento dos aprendizes está sendo satisfatório.

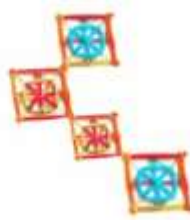
Sabe-se que um dos principais modos de aprendizagem que as crianças usam é a interação tanto com as pessoas ao seu redor (familiares, professores, profissionais de cuidados, colegas) como por objetos e ambientes de seu entorno (residência, escola, parques, objetos lúdicos). Considerando-se que a meta da escola, como instituição condutora da aprendizagem, é prevenir problemas de aprendizagem, cabe a mesma criar e mediar situações em que as crianças possam construir o conhecimento por meio da interação com indivíduos e ambientes sociais.

Um professor que se propõe a estar atento às dificuldades que acontecem durante a aprendizagem se torna um problematizador, sempre enriquecendo sua aula com situações em que os processos de interação possam ocorrer.

O quanto a concepção de aprendizagem pode afetar a prática pedagógica de um profissional é pontuada por Bassedas (1996):

Toda pessoa que intervém na escola, no que se refere à aprendizagem dos alunos, adota, de forma mais ou menos clara e mais ou menos coerente, uma explicação sobre como se aprende e, conseqüentemente, sobre como se deve ser planejado o ensino para que este processo seja mais fácil e consistente. (BASSEDAS, 1996, p. 15).

Franco (1997) aborda o quão importante é que o professor que baseia seu trabalho na teoria construtivista organize de forma consciente as interações às quais vai inserir as crianças



para que as mesmas possam problematizar situações e, dessa forma, construir o conhecimento durante seu desenvolvimento pessoal.

## PROBLEMAS DURANTE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Por muito tempo, as dificuldades de aprendizagem foram estudadas somente dentro da área médica. Porém, com o passar do tempo, elas começaram a ser objeto de estudo de outras áreas específicas do conhecimento, entre elas, a educacional. Estudar os problemas de aprendizagem sob o viés da pedagogia, sociologia, antropologia e assim por diante, fez com que esses problemas não sejam apenas classificados e nomeados.

Hoje em dia, por exemplo, somente o conceito de dificuldades durante a aprendizagem é abordado por diversas áreas de estudo e definido de muitas formas. Não há como definir um único conceito para esse tema, porém, a citação a seguir aponta uma abordagem que é utilizada neste trabalho, a de Corso (2008):

[...] definimos alunos com dificuldades de aprendizagem aqueles que, independente das razões, apresentam desempenho acadêmico abaixo do que seria esperado para o seu nível de escolaridade necessitando, assim, de um olhar diferenciado. (CORSO, 2008b, p. 24).

Segundo Weiss (2012, p. 19) “considera-se fracasso escolar uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola”. Para Moojen (1999), os problemas de aprendizagem são determinados por um baixo rendimento relacionados a problemas no processo interativo ou coisas específicas e não a fatores biológicos. Essas dificuldades de aprendizagem poderiam ser dirimidas com a mediação por parte do professor durante os processos de interação ou pela supressão de coisas específicas que causem as dificuldades de aprendizagem. Também são considerados como problemas de aprendizagem diagnósticos específicos de transtornos emocionais e diversas deficiências.

Sempre que se fala de problemas de aprendizagem, está se falando da constatação de baixo rendimento escolar nas áreas elementares como desenvolvimento linguístico e lógico-matemático, em comparação ao esperado dentro do nível de idade e escolaridade. É importante preservar as potencialidades de inteligência do indivíduo. Os especialistas divergem ao delimitar os níveis ao se aplicarem testes de QI para que alguém seja determinado como normal ou mediano (CORSO, 2008; MOOJEN; FRANCA, 2006).



## INFLUÊNCIAS DA SOCIEDADE E DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NA CRIANÇA

Vários autores que abordam o tema das dificuldades de aprendizagem apontam diversos motivos para que elas venham a ocorrer. Para Fichtner (1987), por exemplo, os problemas de aprendizagem são uma reação da criança “às hostilidades de ordem biológica, psicológica, familiar, escolar e social” (FICHTNER, 1987, p. 64).

Segundo Weiss (2012), as dificuldades de aprendizagem podem ser observadas dentro de três âmbitos. O primeiro âmbito é o da sociedade, que abrange a cultura, a realidade social, as ideologias vigentes, a realidade econômica e como eles elementos se relacionam com os processos educativos. Dentro desse âmbito, é preciso considerar a criança como um elemento que faz parte e se relaciona constantemente a tudo o que compõe a sociedade, seus anseios educacionais e como a escola é vista como instituição social.

Outro âmbito do baixo rendimento escolar determinado por essa perspectiva diz respeito à criança, ou seja, suas potencialidades internas para os processos de aprendizagem. Fatores da cognição, emoção, sociedade e pedagogia são pontuados por Weiss (2012) como sumamente necessários para que o indivíduo possa estabelecer relações com o conhecimento. Dentro dessa perspectiva, o profissional da educação precisa estar atento para diferenciar dois tipos de erros, o que é construtivo, ou seja, aquele que acontece durante o processo de desenvolvimento da criança, do erro que realmente precisa de uma intervenção adequada.

O terceiro âmbito a se observar as dificuldades de aprendizagem se relaciona à instituição escolar sendo vista como a principal instituição que contribui para um rendimento escolar insatisfatório.

Esta abordagem que coloca a instituição de ensino como a maior responsável pelo fracasso escolar se baseia no raciocínio de que já que a maior parte dos problemas durante o processo de aprendizagem diz respeito a erros durante o processo de escolarização, ou seja, métodos de ensino e didática, mudar o modo de organizar e aplicar esses processos pode fazer com que haja uma diminuição significativa nas dificuldades escolares.

Para repensar os processos de escolarização um bom ponto de partida seria adequar os processos avaliativos e a organização curricular partindo de questionamentos tais como: Que relação existe entre esse conteúdo específico e a realidade do corpo discente? Até que ponto o domínio desse conteúdo faz sentido para os educandos?

Apenas esses dois questionamentos já poderiam criar uma multiplicidade de adequações em diversos processos que compõem a aprendizagem escolar. Esses



questionamentos podem apontar o caminho para definir estratégias pedagógicas que venham a prevenir problemas de aprendizagem.

Dessa forma, passa a ser fundamental que os educadores passem por esse processo de questionamento objetivando criar um trabalho preventivo ante a diversidade de fatores que podem levar a dificuldades escolares.

## PREVENÇÃO DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Repensar a metodologia e didática dentro da educação para determinar processos que possam prevenir dificuldades escolares não é uma tarefa fácil, pois envolve entender como uma criança consegue desenvolver a aprendizagem e quais processos cognitivos ela precisa realizar para desenvolver o conhecimento.

Nesse contexto, Corso (2013) acertadamente afirma:

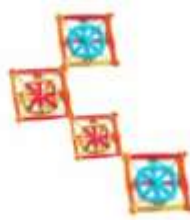
A partir de uma perspectiva preventiva, buscando uma compreensão mais global dos problemas de aprendizagem, a Psicopedagogia pode oferecer caminhos para o favorecimento de aprendizagens e desenvolvimento saudáveis. (CORSO, 2013, p. 68).

Uma das principais contribuições da Psicopedagogia é a estratégia de conhecer e respeitar a criança como indivíduo. Na Educação Infantil não são muito usados os processos avaliativos tradicionais como provas, testes ou ditados. A avaliação nessa faixa de estudos fica por conta da observação constante do professor para a constatação ou não de habilidades ou adequações que permitam as crianças realizar diversas tarefas e atividades. Esse método de avaliação é apontado por Corso (2013):

Conhecer os diferentes perfis cognitivos dos alunos nos fornece pistas para uma intervenção mais efetiva, do mesmo modo que instrumentaliza o professor a diferenciar quais as dificuldades que podem ser trabalhadas em sala de aula e quais as que necessitam de um encaminhamento específico. (CORSO, 2013, p. 69).

Para que isso seja possível, ou seja, para que o professor possa efetivamente conhecer cada um dos seus alunos, é preciso que ele realize um acompanhamento diário e individual deles. Essa afirmação pode parecer utópica considerando-se a atual situação em que se encontra a educação em nosso país com salas de aula com a capacidade de alunos extrapolada, professores exaustos por desempenhar diversas funções e a falta de diálogo entre a instituição de ensino e as famílias dos educandos.

Porém, quando se fala em respeitar o aluno também estamos falando de respeitar o contexto escolar em que o mesmo se encontra. É claro que respeitar o aluno também se



relaciona a respeitar suas potencialidades e habilidades para que cada aluno possa se desenvolver dentro de sua realidade social.

Outro fator a ser levado em consideração é a faixa etária da clientela. Seria incoerente exigir de uma criança de quatro anos a realização de cálculos matemáticos complexos. Smith (1985, apud GOLBERT; MOOJEN, 1996, p. 90) afirma que “quanto maior a congruência entre as características da criança e as características do programa que lhe é previsto, maior é a probabilidade de sucesso escolar”.

A avaliação continua também faz parte da perspectiva de educar respeitando o aluno. Dentro dessa abordagem avaliativa, o profissional que a está executando precisa observar a criança dentro de um período razoável de tempo para que possa determinar avanços educativos em comparação com ela mesma e dessa forma destacar sua aprendizagem. Comparar os avanços de uma criança com um modelo ideal de aluno é um jeito de mostrar desrespeito por ele, afinal é preciso considerar cada aluno como um indivíduo com características e capacidades únicas. Para Scoz (1994):

Não resta dúvida de que o processo de avaliação deve refletir os progressos alcançados mesmo quando pequenos, e que, ao fazer com que a criança perceba sua evolução, a professora poderá motivá-la para aquisição de novas aprendizagens. (SCOZ, 1994, p. 105).

Valorizar os progressos, mesmo que pequenos dos alunos, melhora a auto-estima dos mesmos o que os faz sentir que são capazes de aprender e que os impulsiona a continuar aprendendo. De acordo com Corso (2008):

É necessário que desde a educação infantil sejam oferecidas situações em que a criança possa vivenciar o sucesso. Vivências dessa ordem são significativas para a regulação da auto-estima que, por sua vez, desempenha um papel essencial para a aprendizagem (CORSO, 2008, p. 25).

Em consonância a essa ideia Felipe (2001) coloca o adulto como o principal responsável por ajudar a criança a construir sua auto-estima por ajudá-lo a ter uma visão positiva de si mesmo e por lhe mostrar aceitação e apoio sempre que necessário. Dessa forma, todo professor que deseja prevenir problemas de aprendizagem precisa valorizar os progressos de cada criança e entendê-las dentro de um processo de desenvolvimento que precisa ser alimentado pela auto-estima.

A qualidade do trabalho educacional é uma das principais formas de garantir a prevenção de problemas escolares. Porém, é preciso delimitar o conceito de qualidade de trabalho dentro da Educação Infantil. Dentro desse enfoque, um trabalho qualitativo envolve



aguçar as possibilidades da criança levando em conta a sua diversidade expressiva e linguística. Nessa perspectiva, Gobbi (2010) diz:

Sabemos que as crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas [...] mas que, por vezes, encontram-se enfraquecidas no cotidiano infantil devido à ausência de propostas, que mesmo simples, procurem garantir processos de criação em que os questionamentos, a busca criativa por diferentes materiais, o respeito pelo trabalho individual e coletivo, estejam presentes. Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes, sendo compreendidas. (GOBBI, 2010, p. 1).

Ao abordar a diversidade linguística das crianças é preciso falar de uma das suas principais linguagens que é p brincar. A rotina de uma instituição de Educação Infantil deve privilegiar o brincar, como afirma Dornelles (2001):

A brincadeira é algo que pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo. (DORNELLES, 2001, p. 104).

O brincar pode ser realizado com objetivos específicos, porém, também se pode brincar apenas por brincar. Brincar para as crianças é mais do que simplesmente se divertir. Para brincar elas precisam utilizar diversos processos físicos e mentais que ajudam no seu desenvolvimento pessoal. Quase todas as interações significativas realizadas pela criança são feitas por meio da brincadeira. Vidal (2001) afirma que o brincar não deve ser visto apenas como uma atividade pedagógica com finalidades de aprendizagem. Segundo ele, brincar é inerente a Educação Infantil:

Muitas vezes, ao invocar na escola o binômio brincar-aprendizagem, privilegia-se o ensino dirigido sobre o brincar, descaracterizando-o ao sufocá-lo. Ao fazer da brincadeira ou do jogo um modo de ensinar e aprender corre-se o risco de transformá-los em atividades dirigidas, em jogos/brincadeiras didatizadas – deixam de ser jogos e brincadeiras. (VIDAL, 2001, p. 46).

Brincar também ajuda a criança a desenvolver a sua autonomia, que também é um dos objetivos da Educação Infantil. Crianças que conseguiram desenvolver a autonomia conseguem se desenvolver melhor, não se tornam excessivamente temerosas e enfrentam melhor os desafios.

Cabe a cada professor de Educação Infantil refletir sobre o quanto sua prática docente está impulsionando seus alunos a desenvolver sua autonomia. Muitas vezes esse conteúdo fica





relegado por não ser institucionalizado e abstrato e ficam no espectro da observação subjetiva do educador.

Incentivar a uma criança a tirar e colocar peças do vestuário sozinha, levantar as mangas para evitar sujar-se, aprender a determinar e expressar frio e calor, e uma infinidade de outras ações são práticas que não estão dentro de nenhum currículo na Educação Infantil, mas que são essenciais para o desenvolvimento da autonomia e conseqüentemente para a prevenção de dificuldades de aprendizagem .

A última contribuição para a prevenção de problemas de aprendizagem na Educação Infantil que será aqui abordado é o trabalho com a consciência fonológica.

Morais (2012, p. 84) conceitua a consciência fonológica de um modo bem aceito por diversos profissionais da área, como sendo:

[...] um grande conjunto ou uma grande constelação de habilidades de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras. [...] é preciso ajudar as crianças a cedo descobrirem as regras ou propriedades do sistema alfabético e a consciência fonológica tem um grande papel nessa empreitada (MORAIS, 2012, p. 84, p. 15).

Para que uma criança do Ensino Fundamental consiga passar pelo processo de alfabetização, precisa na Educação Infantil ter desenvolvido a consciência fonológica. Brincar com palavras vocalizadas e escritas possibilita que as crianças possam entrar em contato com a dimensão sonora e gráfica da alfabetização.

Dessa forma, é possível afirmar que podemos contribuir para o desenvolvimento da alfabetização, por da Educação Infantil desenvolvermos a consciência fonológica nas crianças, e conseqüentemente prevenir problemas de aprendizagem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após a revisão bibliográfica realizada relacionando-a ao conhecimento empírico, pôde-se constatar que realmente a maior parte da literatura sobre o tema em questão está foca em diagnosticar, classificar e propor intervenções para alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Existem poucas publicações sobre a abordagem preventiva, ou seja, planejar ações que possam dirimir os traços que podem levar a deficiências educacionais.

Além disso, também foi possível reconhecer que muitas vezes os alunos que são encaminhados a clínicas especializadas apresentam dificuldades de aprendizagem que foram advindas do processo de escolarização.



Os estudos de Luciana Vellinho Corso e Fernanda Vidal citados no presente documento lançam mão dos conhecimentos da psicologia e da ludicidade para propor ações que possam prevenir deficiências de aprendizagem.

Além das propostas já colocadas neste trabalho, como a importância de respeitar as especificidades do aluno, elevar a auto-estima e desenvolver a consciência fonológica, acreditamos que algo que realmente poderia contribuir significativamente para atitudes de prevenção de baixo rendimento escolar seria investir na capacitação dos educadores por meio de formação continuada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso primeiramente reconhecer que a maior parte das instituições de ensino não possui nem os elementos necessários, e nem tem consciência plena, para a implementação de ações que possam prevenir problemas educacionais efetivamente. Tanto que é digno de nota que a maior parte dos esforços dentro desse âmbito estão mais relacionados ao diagnóstico e intervenções do que a prevenções.

É preciso primeiramente conscientizar os profissionais que estão nessa frente de batalha para depois começar a criar circunstâncias que possam propiciar o trabalho de prevenção de dificuldades de aprendizagem iniciando-se na Educação Infantil.

Também é de suma importância atuar em consonância aos familiares que fazem parte do entorno dessa criança. Dessa forma, acreditamos que poderíamos chegar a resultados mais significativos.

## REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália et al. (Org.). **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. Tradução por Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CORSO, Luciana Vellinho. Aprendizagem e Desenvolvimento Saudável: Contribuições da Psicopedagogia. In: **Aprendizagem e Desenvolvimento Saudável: Contribuições da Psicopedagogia**. Porto Alegre: PUCRS, 2013.

CORSO, Luciana Vellinho. Dificuldades de Aprendizagem e Educação Infantil. In: **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre: UFRGS, 2008.



CORSO, Luciana Vellinho. **Dificuldades na Leitura e na Matemática**: um estudo dos processos cognitivos em alunos da 3ª a 6ª série do Ensino Fundamental. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

DORNELLES, Leni Vieira. Na Escola Infantil todo Mundo Brinca se Você Brinca. In: CRAYDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis (Org.). **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FELIPE, Jane. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAYDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis (Org.). **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FICHTNER, N. Distúrbios de aprendizagem – aspectos psicodinâmicos e familiares. In: Scoz, B.; Rubinstein, E.; Rossa, E.; Barone, L. (Org.). **Psicopedagogia**: O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artmed, 1987.

FRANCO, Sérgio. **O Construtivismo e a Educação**. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas Linguagens de Meninos e Meninas no Cotidiano da Educação Infantil**. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=6678&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6678&Itemid=)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

MOOJEN, Sônia. Dificuldades ou Transtornos de Aprendizagem? In: RUBINSTEIN, Edith. (Org.). **Psicopedagogia**: uma prática, diferentes estilos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MOOJEN, S.; FRANÇA, M. Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica. In: ROTTA, NewraTellechea et al. **Transtornos da Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORAIS, Artur. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

SMITH, Corine. Learning Disabilities: Past and Present. **Journal of Learning Disabilities**. V. 18, n. 9, Nov. U.S.:1985.

VIDAL, Fernanda. Uma sala de aula em que se pode brincar. In: DALLA ZEN, Maria Isabel (Org.). **Projetos Pedagógicos**: cenas de sala de aula. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

WEISS, Maria Lúcia. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica de problemas de aprendizagem escolar. 14. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.